



ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA VIA DE PARTO DE GESTANTES INCLUÍDAS NO GRUPO 1 DE ROBSON, NO BRASIL, DE 2020 A 2024: UM ESTUDO ECOLÓGICO¹.

Pietra dos Santos Hartmann², Camila Lena Martini³, José Vitor Oliveira Barcelos⁴,
Dario Gervasio Ronchi⁵

¹ Trabalho desenvolvido pelos acadêmicos por meio de estudo epidemiológico, utilizando dados disponibilizados no Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS).

² Acadêmica de Medicina pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul — UNIJUI, Ijuí RS. E-mail: pietra.hartmann@sou.unijui.edu.br

³ Acadêmica de Medicina pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul — UNIJUI, Ijuí RS. E-mail: camila.martini@sou.unijui.edu.br

⁴ Acadêmico de Medicina pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul — UNIJUI, Ijuí RS. E-mail: jose.barcelos@sou.unijui.edu.br

⁵ Médico Ginecologista-Obstetra e Preceptor de Medicina da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul — UNIJUI, Ijuí RS.

Introdução: O parto vaginal, embora natural e fisiológico, em determinadas situações, necessita ser substituído pela cesariana. De acordo com a OMS, cerca de 21,1% dos partos em todo o mundo ocorrem por via cesariana, chegando a 55,7% no Brasil, estando entre os cinco países com as maiores taxas no mundo. A OMS considera o sistema de classificação de Robson como útil para estudar, avaliar e comparar as taxas de parto cirúrgico, sendo que o Grupo 1 inclui nulíparas, com gestação única, cefálica, ≥ 37 semanas, em trabalho de parto espontâneo. **Objetivo:** Analisar as vias de parto adotadas em gestantes do Grupo 1 de Robson no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico descritivo, de abordagem quantitativa, realizado em abril de 2025, por meio de dados extraídos do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC) no Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram analisados dados acerca do número de nascimentos por parto vaginal ou cesário, dentro do Grupo 1 de Robson, durante o período de 2020 a 2024, em todo o país. As variáveis utilizadas foram: ano de nascimento, tipo de parto e grupo de Robson. Os dados coletados foram sistematizados em planilhas do Microsoft Excel e analisados através de estatística descritiva. **Resultados e discussão:** Foram analisados 2.003.771 nascimentos em todo o país, de gestantes classificadas no Grupo 1 de Robson, de 2020 a 2024. Em 2020, dos 468.679 partos, 44,4% (207.964) foram cesáreos e 55,6% (260.531) vaginais. A porcentagem de cesáreas apresenta pequena queda em 2021 (43,8%), mas volta a crescer em 2022 (44,4%), 2023 (44,6%) e 2024 (45%). Nos 5 anos analisados, houve predomínio de parto vaginal entre as gestantes, consoante à literatura e ao esperado para o grupo. O estudo utilizou como fonte o DataSUS, havendo atualização contínua, sendo os números de 2024 ainda preliminares. Há de salientar que, embora as taxas de parto vaginal sejam superiores, as cesáreas ocorrem em percentagens que se sobressaem aos dados mundiais. Esses achados, correlatos à literatura, mostram-se alarmantes, uma vez que se trata de um grupo que, substancialmente, teria condições ideais para um parto vaginal, e ainda assim, a cesária corresponde a quase metade



dos nascimentos. O parto vaginal, além de trazer benefícios à gestante como menor tempo de recuperação e risco de infecção, ainda previne complicações em gestações futuras como a placenta prévia e o acretismo placentário. Ainda assim, intervenções precoces no trabalho de parto, desinformação e falta de apoio à parturiente podem aumentar o número de cesárias para além daquelas com indicações médicas claras. **Conclusão:** Por fim, a análise dos nascimentos mostra que, embora o número de partos vaginais supere os cesáreos, a diferença entre ambas as vias é pequena, mesmo entre gestantes com perfil favorável ao parto vaginal. Esses dados reforçam a necessidade de uma abordagem que vá além do atendimento puramente clínico, envolvendo equipes multidisciplinares capacitadas a instruir a gestante sobre parto e puerpério já nas consultas de pré-natal. E que, ainda, sejam capazes de reconhecer precocemente situações que indiquem cesariana, mas respeitando os casos com boa evolução ao nascimento natural. Sendo assim, ressalta-se a importância de garantir que a escolha da via de parto ocorra de forma livre, informada e respeitosa, em consonância com os princípios do parto humanizado e da autonomia reprodutiva, ainda que orientada por critérios clínicos sólidos que garantam a segurança materno-fetal.

Palavras-chave: Sistema de Classificação de Robson, Via de Parto, Epidemiologia obstétrica

Referências:

1. BETRAN, A. P. et al. Trends and projections of caesarean section rates: global and regional estimates. *BMJ Global Health*, v. 6, n. 6, e005671, 2021. Disponível em: <https://gh.bmj.com/content/6/6/e005671>. Acesso em: 8 abril 2025.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise Epidemiológica e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. Painel de Monitoramento de Nascidos Vivos. Disponível em: <https://svs.aids.gov.br/daent/centrais-de-conteudos/paineis-de-monitoramento/natalidade/nascidos-vivos/>. Acesso em: 8 abril 2025.
3. RIBEIRO, D. S. et al. Perfil epidemiológico dos tipos de parto realizados no Brasil: análise temporal, regional e fatorial. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 7, e0211729678, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i7.29678>. Acesso em: 8 abril 2025.
4. RUDEY, E. L.; LEAL, M. do C.; REGO, G. Cesarean section rates in Brazil: trend analysis using the Robson classification system. *Medicine*, v. 99, n. 17, e19880, 2020. Disponível em: https://journals.lww.com/md-journal/fulltext/2020/04240/cesarean_section_rates_in_brazil_trend_analysis.70.aspx. Acesso em: 8 abril 2025.